



---

## UM REI BELGA CONTRA UM CÔNSUL BRITÂNICO EM *KING LEOPOLD'S SOLILOQUY: A DEFENSE OF HIS CONGO RULE*, DE MARK TWAIN

Mariana Bolfarine (USP)<sup>1</sup>

Angus Mitchell (University of Limerick/Irlanda)

**RESUMO:** *King Leopold's soliloquy: a defense of his Congo rule* foi escrito pelo norte-americano Mark Twain e publicado em 1905. No presente artigo, propomos-nos a buscar no texto literário referências ao encontro do cônsul inglês Roger Casement com o poderoso monarca belga e verificar até que ponto pode ser considerado um exemplo de literatura panfletária usada como denúncia a sua administração do Estado Livre do Congo, durante o final do século XIX e início do XX. Por fim, pretendemos investigar as consequências desse encontro entre o rei e o cônsul para a economia de exploração da borracha naquele local.

**PALAVRAS-CHAVE:** panfleto, solilóquio, Roger Casement

## A BELGIAN KING AGAINST A BRITISH CONSUL IN *KING LEOPOLD'S SOLILOQUY: A DEFENSE OF HIS CONGO RULE*, BY MARK TWAIN

**ABSTRACT:** *King Leopold's soliloquy: a defense of his Congo rule*, authored by the North-American writer Mark Twain, was first published in 1905. The aim of this paper is to search the literary text for references to the intersections between Roger Casement and the powerful Belgian monarch Leopold II in order to verify the extent of Twain's intervention and how it should be considered as an example of pamphlet literature used as a weapon of denunciation against the administration of the Congo Free State. Lastly, we intend to reflect upon the consequences of the propaganda war between the Belgian King and the British Consul for truth regarding the violence underlying rubber extraction.

**KEYWORDS:** pamphlet, soliloquy, Roger Casement

---

<sup>1</sup> Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo e à Marília Fatima Bandeira.



---

## 1. O Estado Livre do Congo e a borracha

Certamente, muitos países europeus não ostentariam a grandeza que hoje (ainda) possuem se não fosse pela Conferência de Berlim, de 1885, que definiu a Partilha da África entre Portugal, Espanha, Alemanha, França, Inglaterra e Bélgica. O motivo alegado por esses países para invadir a África foi a missão civilizadora do império, ou seja, a de levar a luz do conhecimento e do cristianismo para as trevas pagãs que constituíam, no imaginário europeu, o continente africano. Não obstante, essa prática não passou da exploração, extração e exportação das riquezas daquele continente, o qual foi dividido aleatoriamente entre as respectivas metrópoles europeias que se ocuparam basicamente de exaurir os recursos naturais e humanos daquele território.

Dentre as muitas riquezas naturais que a África possuía, a borracha ganhou lugar de destaque no final do século XIX, começo do XX. Em *The devil and Mr. Casement* (2010), o historiador Jordan Goodman traça a trajetória de como a borracha passou a ocupar um papel central no mercado econômico internacional, desde a descoberta de sua extração e uso na Amazônia no século XVIII, com o envio de uma amostra de Quito para Paris em 1736, pelo explorador francês Charles-Marie de la Condamine, e das dificuldades de se lidar com o material que ficava rígido demais quando exposto a temperaturas baixas e mole demais a temperaturas elevadas. Foi somente em 1839, quando Charles Goodyear inventou o processo de vulcanização, ao misturar borracha com enxofre, que a borracha tornou-se estável e manuseável, o que acarretou um aumento da demanda em dez vezes. No entanto, uma nova invenção revolucionou o mundo do transporte: o pneu pneumático de John Dunlop, que substituiu pneus de borracha maciça por pneus com câmaras de ar, que eram leves e absorviam o impacto, assim, entre 1890 e 1900, a demanda por borracha dobrou.

Essa economia de exploração dessa matéria-prima inovadora chegou a um extremo na Bélgica sob o reinado do monarca Leopoldo II, que criou o Estado Livre do Congo sob a premissa da missão civilizadora do império. Contudo, isso não passou de uma desculpa, pois ao perceber o grande potencial econômico do Estado Livre do Congo, o rei, além de se ocupar com a extração do marfim, passou também a explorar a borracha, obtendo os lucros integralmente. O povo africano foi a maior vítima. Os nativos eram obrigados, pela *Force Publique*, os oficiais do império belga, a extrair a borracha dos seringais, que ficou conhecida como “*Red Rubber*”, ou “Borracha Vermelha”, aludindo ao sangue que era derramado na extração.

*King Leopold's soliloquy: a defense of his Congo rule*, do escritor norte-americano Mark Twain foi publicado em 1905 e pode ser conside-



rado não um retrato, mas um negativo fotográfico desse momento histórico. Isso se dá pela forma por meio da qual Twain compõe seu texto, pois ele dá ao leitor acesso à versão do vilão da história. O personagem central e único, o Rei Leopoldo II, assume a voz narrativa em primeira pessoa do solilóquio, que se inicia com a seguinte epígrafe do prof. F. Cattier, da Brussels University, comparando o monarca belga ao rei Louis XIV, ícone do absolutismo, apontando para o fato de que a grandeza que a Bélgica ostentava vinha, em sua maior parte, da borracha, conhecida como o “ouro negro”:

Leopold II is the absolute Master of the whole of the internal and external activity of the Independent State of the Congo. The organization of justice, the army, the industrial and commercial regimes are established freely by himself. He would say and with greater accuracy than did Louis IV, “The State is I” (CATTIER apud TWAIN, 1905, epígrafe).

Tendo dito isso, no presente artigo, pretendemos buscar no texto literário supracitado referências ao encontro do cônsul inglês Roger Casement com Leopoldo II e verificar até que ponto a narrativa pode ser considerada um exemplo de literatura panfletária usada como denúncia da administração do Estado Livre do Congo durante o final do século XIX e início do XX e, por fim, investigar quais foram as consequências desse encontro para a economia de exploração da borracha naquele local e entre as grandes potências econômicas da época.

## **2. Denúncias de abusos cometidos por Leopoldo II: Roger Casement e a criação da Associação de Reforma do Congo**

Passado um tempo do reinado soberano de Leopoldo II, foram surgindo denúncias de atrocidades cometidas contra os nativos no Congo Belga. Os primeiros porta-vozes dessas denúncias foram os missionários cristãos, como Henry Grattan Guinness e, em especial, o jornalista Edmund Dene Morel, que começou escrevendo artigos de acusação que criticavam essa política de horror imposta no Congo no periódico *West African Mail*. Segundo Angus Mitchell (2011), a administração colonial de Leopoldo II foi notoriamente brutal, permeada por chicotadas e mutilações, principalmente depois que a demanda do mercado externo pela borracha chegou ao seu auge.

Graças a essas revelações, passaram a circular boatos de que, no início, os nativos eram enviados para o interior das florestas a fim de coletar borracha em troca de objetos de pouco ou nenhum valor. Depois disso, nada recebiam além de ameaças de morte e de decepamento dos próprios membros, ou os dos filhos, se não atingissem a cota de borracha estabelecida pelo rei. O resultado foi o decepamento generalizado



de mãos e pés de homens, mulheres e crianças. Diante desse cenário, o Lorde Lansdowne convocou uma comissão britânica de investigação e foi atribuída a Roger Casement, então cônsul em Boma, na África, a responsabilidade de redigir um relatório em que atestasse a veracidade das acusações feitas contra o Estado Livre do Congo, região que é hoje conhecida como Zaire.

Casement nasceu em Sandycove, Dublin, em 1º de setembro de 1864, e partiu cedo de sua terra natal para Londres. Iniciou sua carreira como um jovem imperialista na África e chegou ao Congo em 1884, sendo nomeado agente colonial da Associação Internacional do Rei Leopoldo; porém, logo se desiludiu, renunciou ao cargo e assumiu outras funções. O resultado da comissão parlamentar, para a qual foi nomeado, foi um dossiê de provas coletadas a partir das declarações de vítimas do regime e de missionários da região. Ao retornar à Inglaterra, Casement apresentou o relatório que condenava a conduta imperial de Leopoldo II ao Ministério das Relações Exteriores.

Um ano depois, em 1904, o relatório foi publicado com a omissão de nomes e referências diretas a funcionários coloniais, a contragosto do autor, e estimava a morte de três milhões de congoleses (GOODMAN, 2010). Apesar da imparcialidade que buscou para redigir o relatório, nele transparece a condenação ao sistema que traía os princípios humanitários estabelecidos nos Atos de Berlim (1885) e de Bruxelas (1892). Casement finalmente se uniu a E. D. Morel e, juntos, fundaram a Congo Reform Association, que lutava a favor de reformas administrativas, para acirrar ainda mais a ira de Leopoldo II (MITCHELL, 2011). A Bélgica tentou se redimir ao enviar para o Congo uma comissão de investigação própria, mas que acabou confirmando as irregularidades administrativas no Estado Livre do Congo.

### **3. A denúncia de Mark Twain: um solilóquio ou panfleto?**

Segundo o biógrafo Brian Inglis (1973), as atividades da Congo Reform Association (CRA) foram expandidas e um dos resultados foi a criação da American Congo Reform Association, que contou com o apoio de intelectuais influentes, como Booker T. Washington e Mark Twain. É nesse contexto que se insere *King Leopold's soliloquy*, cuja primeira edição data de 1905, um ano após a publicação do relatório de Casement e, de acordo com Inglis, desde o começo “Mark Twain deixou claro que as informações foram extraídas, em grande parte, do relatório de Casement” (INGLIS, 1973, p. 118. Tradução nossa)<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Cf. o trecho original: “Mark Twain made it clear that the information had been largely gleaned from Casement’s report”.



Sabe-se que desde cedo Twain foi considerado um escritor polêmico ao incluir negros como personagens de seus romances, como o escravo Jim no romance *Huckleberry Finn*. Além disso, de acordo com Stephen Railton, em 1900, após a Guerra hispano-americana, Twain assumiu um posicionamento contrário ao imperialismo, “[...] ele utilizou seu status de celebridade como um púlpito do qual poderia denunciar as atrocidades americanas e europeias cometidas contra a China, as Filipinas e o Estado Livre do Congo” (RAILTON, 2010, p. 51. Tradução nossa)<sup>3</sup>. Twain declarou em uma entrevista concedida ao jornal *The Globe*, em 1905, ser avesso à tentativa de defesa de Leopoldo II das acusações do relatório de 1903 ao seu governo, ao se referir a fotografias e trechos do relatório de Casement. Twain acreditava que:

Deve-se acreditar nos missionários. Já vi fotografias dos nativos com suas mãos decepadas porque não trouxeram a cota mínima de borracha imposta sobre eles. Se Leopoldo os tivesse matado de imediato não teria sido tão mau; mas decepar suas mãos e os deixá-los impotentes para morrer na miséria, isso é imperdoável. (TWIN, 1905b, p. 9. Tradução nossa).<sup>4</sup>

*King Leopold's soliloquy* começa com uma rubrica do escritor que descreve o monarca atirando ao alto e maldizendo os panfletos produzidos contra o seu governo, sem se esquecer de desempenhar o ritual católico de beijar o crucifixo que levava ao pescoço, e dizendo: “If I had them by the throat! [hastily kisses the crucifix and mumbles]. In these twenty years I have spent millions to keep the press of the two hemispheres quiet, and still these leaks keep occurring” (TWIN, 1905a, p. 29).

Essa fala em que Leopoldo amaldiçoa a imprensa do mundo todo e admite sua tentativa de suborná-la abre margem para a discussão de um dos temas que norteiam este artigo: o panfleto como meio de divulgação e conscientização política e o panfleto como gênero literário. No título está explícito que o texto se trata de um “Solilóquio”, que é, muitas vezes, de acordo com Massaud Moisés (2004[1974]), confundido com o monólogo. Segundo Moisés, trata-se, na verdade, de uma convenção teatral, mas que pode ser também encontrada nas formas narrativas e:

[...] consiste na situação em que a personagem está sozinha e profere em voz alta seus pensamentos: fala para si própria de modo a tornar-se sujeito e objeto da ação verbal. Portanto, temos um “eu”, que fala para ser ouvido ou lido e que é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto da ação (MOISÉS, 2004[1974], p. 431-432).

<sup>3</sup> Cf. o trecho original: “[...] he used his celebrity status as a pulpit from which to denounce European and American brutalities in China, the Philippines, and the Congo Free State”.

<sup>4</sup> Cf. o trecho original: “The missionaries are to be believed. I have seen photographs of the natives with their hands cut off because they did not bring in the required amount of rubber. If Leopold had only killed them outright it would not be so bad; but to cut off their hands and leave them helpless to die in misery—that is not forgivable”.



Notamos que, apesar de se tratar de um solilóquio, o texto tem ambições de panfleto. Isso ocorre porque, ao se defender das acusações com argumentos supostamente a seu favor, Leopoldo II acaba expondo sua culpa. Os signos, segundo Saussure, possuem um significante, uma “imagem acústica”, um significado, uma “imagem conceitual” e:

A relação entre as duas faces do signo é chamada de “necesária” ou “convencional”, isto é, ela é fundada em uma pres-suposição lógica, que não é, de modo algum, tributária das suas propriedades substanciais originais. Além disso, essa relação é totalmente determinada pelo “valor” do signo, ou seja, pelas diferentes oposições que seu significante e seu significado mantêm com os outros significantes e os outros significados da mesma língua. Do ponto de vista sincrônico – em um determinado estado da língua –, esse valor é imutável. Em contrapartida, do ponto de vista diacrônico, isto é, do ponto de vista da história dos diferentes estados da língua, a ligação que contraem as duas faces do signo pode, até mesmo, desfazer-se completamente ao longo dessa evolução. (FONTANILLE, 2007, p. 36).

Portanto, a partir dessa definição, a relação entre o significante e o significado é originalmente imutável, no sentido sincrônico, e pode se modificar, e até mesmo se desfazer, do ponto de vista diacrônico. No caso da obra de arte, contudo, essa relação é posta em cheque, tendo em vista que um significante pode adquirir mais de um significado, dando margem a diferentes interpretações por parte do apreciador.

Essa multiplicidade de interpretações é, porém, algo que não deve ocorrer com o texto panfletário, pois a relação entre o significante e o significado deve ser a mais estreita possível na medida em que o texto possui uma função: a de transmitir uma mensagem específica, que, de modo geral, possui como proposta a conscientização de alguém ou de algum grupo sobre um determinado assunto. No caso do texto de Twain, essa relação torna-se um tanto complexa à medida que ele escolhe o solilóquio como modo de enunciação, que é um texto artístico possuidor de uma forma estética cuja finalidade é ser recitada a um público, mas que possui um conteúdo claramente ideológico.

Logo, o enunciador do solilóquio fala sempre com um objetivo que, no caso do texto literário em questão, é a elaboração de uma defesa por parte de Leopoldo II contra as denúncias e investigações encabeçadas pela comissão enviada pelo Ministério das Relações Exteriores do Reino Unido. O personagem de Leopoldo II vai elencando os argumentos em seu favor e destaca a missão civilizadora do império que caiu em suas mãos:



Powers in tears, with my mouth full of Bible and my pelt oozing with piety at every pore, and implored them to place the vast and rich populous Congo Free state in my hands as their agents, so that I might root out slavery and stop the slave raids, and lift up those five millions of gentle and harmless blacks out of darkness into light, the light of four blessed redeemer, the light that streams from his holy word, the light that makes glorious our noble civilization. [...] lift them up and make them comprehend that they were no longer outcasts and forsaken, but our very Brothers in Christ [...] (TWIN, 1905a, p. 6).

Vemos no trecho acima que Leopoldo II fala sobre seu envolvimento com a África como uma empreitada que estava sendo realizada a fim de favorecer os nativos. A conversão religiosa era seu maior pretexto, à medida que essa prática viabilizaria “resgatar” os africanos da escuridão, trazendo-os à luz. Segundo a fala acima, somente por meio da religião, os nativos deixariam de ser excluídos, *outcasts*, ironicamente em sua própria terra, e desamparados, *forsaken*, na medida em que se tornariam irmãos dos europeus em Cristo.

A seguir, o rei continua seu discurso, no qual fica claro que ele na verdade se considera uma vítima dos delatores que revelaram detalhes sobre o funcionamento do seu sistema que, durante mais de vinte anos, fora movido pela fome e violência física cometida contra seus “empregados”:

They have told how for twenty years I have ruled the Congo State not as a trustee of the Powers, an agent, a subordinate, a Foreman, but as a sovereign [...] restricting commerce to myself, through concessionaires who are my creatures and confederates, seizing and holding the State as my personal property, the whole of its vast revenues as my private “swag” – mine, solely mine – claiming and holding its millions of people as my property, my serfs, my slaves; their labor mine, with or without wage; the food they raise not their property but mine; the rubber, the ivory and all the other riches of the land – mine solely – and gathered for me by the men, the women and the little children under compulsion of lash and bullet, fire, starvation, mutilation and the halter (TWIN, 1905a, p. 7-8).

Segundo o enunciador, o Congo, bem como tudo o que havia nele – os nativos, a borracha, o marfim – lhe pertencia; era como se aquele território fosse uma propriedade particular sua. Contudo, mais adiante, o personagem de Leopoldo II acaba confessando sua culpa ao admitir a verdade sobre o Estado Livre do Congo e acusar de traição os missionários americanos, os oficiais belgas e os cônsules britânicos. Tais insultos



estão direcionados à comissão liderada por Roger Casement, por terem comunicado à Europa e ao mundo a verdade sobre sua soberania autortária:

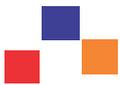
These pests! – It is as I say, they have kept back nothing! They have revealed these and yet other details which shame should have kept them quiet about, since they were exposures of a king, a sacred patronage and immune from reproach, by right of this selection and appointment to his great Office by God himself [...] They tell only what is against me, they will not tell what is in my favor (TWIN, 1905a, p. 8-10).

É interessante perceber a forma como Twain cria o personagem representado por Leopoldo II, o enunciador do solilóquio, que é ao mesmo tempo ridicularizado ao se defender de acusações tão óbvias, utilizando-se de argumentos tão esdrúxulos. Dessa forma, o Leopoldo II criado por Twain não só revela a verdade sobre o *modus operandi* do sistema de extração da borracha no Congo, como também a tentativa pessoal do rei de subornar possíveis “traidores” e de manipular quaisquer tipos de meios de comunicação existentes na Europa que pudessem expor a verdade.

Dentre os traidores, aquele que mais incomodou o rei e contribuiu para o colapso de seu absolutismo no Congo foi Roger Casement. Em *King Leopold's soliloquy*, Twain menciona abertamente o nome de Casement quando Leopoldo II faz referências à Comissão de Investigação britânica. O tom propagandista e crítico contra as atrocidades no Congo está presente e ocorre de forma inversa. Por exemplo, há um momento em que Leopoldo II chama o cônsul de traidor e o acusa de ter lido e copiado uma página do diário de um de seus funcionários sobre a amputação de membros dos africanos que supostamente faziam mau uso da munição que lhe era fornecida e lê tal trecho do diário de Casement:

[*Reads a passage from the diary*] “Each time the corporal goes out to get rubber, cartridges are given to him. He must bring back all not used, and for every one used he must bring back a right hand. M. P. told me that sometimes they shot a cartridge at an animal in hunting; they then cut off a hand from a living man. As to the extent to which this is carried on, he informed me that in six months the State on the Mambogo River had used 6,000 cartridges, which means that 6,000 people are killed or mutilated. It means more than 6,000, for the people have told me repeatedly that the soldiers kill the children with the butt of their guns” (TWIN, 1905a, p. 18).

Essa retórica da inversão surge no sentido que, ao invés de refutar a acusação que Casement faz contra ele, o rei se mostra culpado ao comentar sobre o silêncio do qual o cônsul se utiliza ao anexar junto com a informação descrita acima um mapa, indicando que o número de mor-



tos em seis meses é totalmente desproporcional ao pequeno tamanho da região onde isso estava ocorrendo.

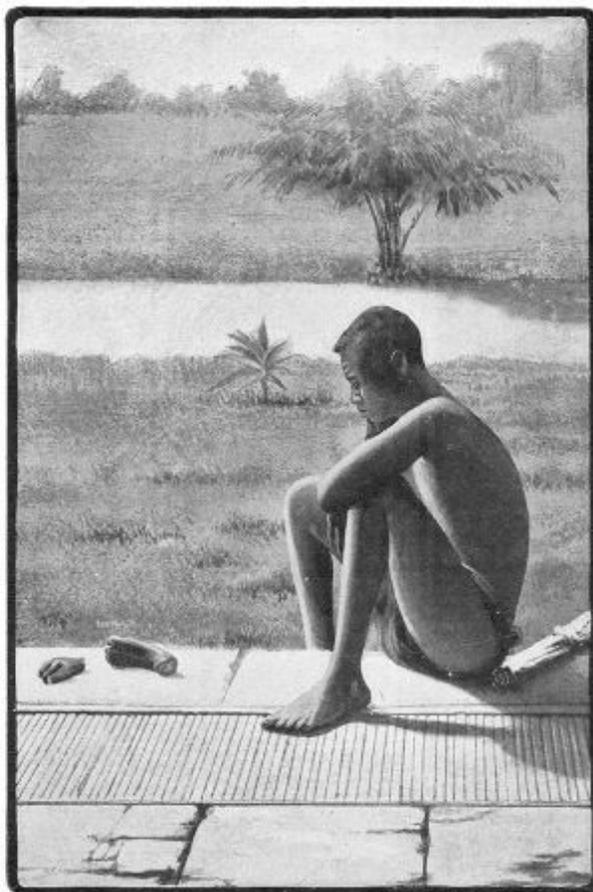
Outro exemplo se segue quando o rei lê trechos do panfleto: “Treatment of women and children in the Congo State; what Mr. Casement saw in 1903” (TWIN, 1905a, p. 19) e tenta se defender ao negar aquilo que denunciavam. Twain se utiliza de um método retórico, pois Leopoldo de fato retoma alguns trechos de entrevistas que Casement fez com nativos quando, por exemplo, o cônsul pergunta a uma das vítimas se o homem responsável pelas mutilações de mãos e pênis sofridas pelos nativos era branco. O homem questionado responde que sim, pois quando os soldados atiravam neles, era seu dever cortar-lhes o pênis para provarem que haviam, de fato, matado um homem. Contudo, nem sempre morriam, e ficavam mutilados, conforma mostra a resposta de um dos sobreviventes:

“The white men told their soldiers: you only kill women. You cannot kill men. You must prove that you kill men. So then the soldiers, when they killed us” (here he stopped and he hesitated pointing to ... he said:) “then they... and took them to the White men, who said: ‘It is true, you have killed men’” (TWIN, 1905a, p. 21).

Novamente, a justificativa de Leopoldo para esse decepamento deliberado de membros o condena e, dessa forma, podemos inferir o posicionamento crítico do próprio Mark Twain diante dessa prática abominável:

Of course the critic had to divulge that; he has no self-respect. All his kind reproach me, although they know quite well I took no pleasure in punishing the men in that particular way, but only did that as warning to the other delinquents. Ordinary punishments are no good with ignorant savages; they make no impression (TWIN, 1905a, p. 21).

Outro aspecto impactante em *King Leopold's soliloquy* é a presença de ilustrações ou fotografias tiradas pelos missionários e funcionários coloniais com suas “*Kodaks*”, em especial as da missionária Alice Harris, que, junto com marido John Harris, guiou Casement em sua busca pela verdade. Dentre as ilustrações de que Twain se utiliza, destaca-se a que retrata um homem fitando um pé e uma mão cortados, com a legenda “Imagine the output of the whole vast State!” (TWIN, 1905a, p. 18).



FOOT AND HAND OF CHILD DISMEMBERED BY SOLDIERS, BROUGHT TO MISSIONARIES BY DAZED FATHER. FROM PHOTOGRAPH TAKEN AT BARINGA, CONGO STATE, MAY 15, 1884. SEE MEMORIAL TO CONGRESS, JANUARY, 1889

“Imagine the output of the whole vast State!” — Page 18.

Segundo Burroughs (2010), essa fotografia foi tirada por Alice Harris originalmente acompanhada pela legenda: “Nsala of Wala with his daughter’s hand and foot” (BURROUGHS, 2010, p. 87) e demonstra visualmente a verdade dos discursos dos acusadores de Leopoldo e o absurdo da defesa do seu reinado no Congo, servindo para que o argumento de Twain fique ainda mais claro, atingindo quase um grau de pleonasma, no caso de restarem dúvidas por parte do enunciatário – o leitor ou público para quem o texto se destina – sobre quem é o culpado pelas atrocidades cometidas aos africanos em nome da borracha.



---

## Considerações finais: as consequências da publicação do panfleto de Twain

Como vimos, Twain esteve envolvido com a Congo Reform Association, tendo Roger Casement como um dos fundadores, ao lado de E. D. Morel. Especula-se que o relatório de Casement sobre o Congo, documento que foi fruto da investigação da comissão que liderou, foi um dos estopins para o fim do reinado absoluto de Leopoldo II. Ciente do potencial dos escritores como articuladores de causas sociais, Twain ficou horrorizado ao saber da política de exploração que estava de fato ocorrendo no Congo Belga, ratificada pela *Kodak*, “the only witness I have encountered in in my long experience that I couldn’t bribe” (TWIN, 1905a, p. 68) e, desse modo, decidiu escrever o *King Leopold’s soliloquy* como uma ferramenta de conscientização.

Ao escrever o texto panfletário *King Leopold’s soliloquy*, que tem Leopoldo II como enunciador, Twain utiliza-se de uma retórica da inversão, pois, o rei, ao se defender, assume sua culpa pelas atrocidades cometidas contra os nativos. Para se ter uma ideia do impacto causado pela publicação do relatório de Casement e da subsequente publicação do texto de Twain, o autor incluiu a sessão denominada “Supplement” na segunda edição.

Segundo ele, desde a primeira edição do texto, que ele mesmo chama de panfleto, houve mudanças significativas no modo de enxergar o reinado de Leopoldo II: a monarquia passou a ser vista com maus olhos, o Estado Livre do Congo foi finalmente abolido em 1908 e anexado ao governo belga. Contudo, nesse mesmo suplemento, ele critica o fato de que nada foi falado sobre a punição dos culpados. Concluimos que o solilóquio panfletário de Twain foi uma tentativa criativa e efetiva de proferir uma crítica sobre os males do imperialismo e da ganância desmedida de seus soberanos.

## Referências

BURROUGHS, Robert. **Travel writing and atrocities: eyewitness accounts of slavery in the Congo, Angola and the Putumayo**. London: Routledge, 2010.

FONTANILLE, Jacques. **A semiótica do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

GOODMAN, Jordan. **The devil and Mr. Casement: one man’s battle for human rights**. New York: Ferrar, Straus and Giroux, 2010.

INGLIS, Brian. **Roger Casement**. London: Hodder & Stoughton, 1973.

MITCHELL, Angus. **Roger Casement no Brasil: a borracha, a Amazônia e o mundo atlântico 1884-1916**. Traduzido por Mariana Bolfarine editado por Laura Izarra. São Paulo: Humanitas, 2011.



---

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. Editora Pensamento-Cultrix, São Paulo, 2004 [1974].

RAILTON, Stephen. Mark Twain and his times. In: **Critical insights**, v. 1, setembro, 2010. Disponível em: <[http://salempress.com/Store/pdfs/twain\\_critical\\_insights.pdf](http://salempress.com/Store/pdfs/twain_critical_insights.pdf)>. Acesso em: 05 mar. 2012.

TWAIN, Mark. **King Leopold's soliloquy**. Boston, Mass: The P. R. Warren Co., 1905a, second edition. Disponível em: <<http://diglib1.amnh.org/articles/cls/twain3.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2011.

\_\_\_\_\_. "IN GENIAL MOOD: Mark Twain talks to newspaper men. Has much of interest to say on various topics. Humorist reads some of his latest aphorisms". Entrevista dada no **Boston Daily Globe**, November 6, 1905b, p. 9. Disponível em: <<http://www.twainquotes.com/interviews/Interview6Nov1905b.html>>. Acesso em: 03 jun. 2011.

Recebido em 30 de maio de 2012.

Aceito em 23 de agosto de 2012.

### **Mariana Bolfarine**

Mestre pelo Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da Universidade de São Paulo, com doutorado em andamento pela mesma universidade. Traduziu o livro *Roger Casement: A Borracha, a Amazônia e o Mundo Atlântico 1884-1916* (Humanitas, 2011) para o português e pesquisa a vida de Roger Casement na ficção.

Email: [marianabolfarine@gmail.com](mailto:marianabolfarine@gmail.com)

### **Angus Mitchell**

Historiador graduado pela Oxford University. Doutor pela University of Limerick, na Irlanda, onde também ministra cursos de verão e orienta pesquisas. Publicou *The Amazon Journal of Roger Casement* (1997), *Sir Roger Casement's Heart of Darkness: 1911 Documents* (1999) e o mais recente *Roger Casement in Brasil: Rubber, the Amazon and the Atlantic World 1884-1916* (2010). Foi professor visitante da Universidade de São Paulo, em 2011, e curador da exposição *Roger Casement no Brasil: a borracha, a Amazônia e o mundo atlântico 1884-1916*.

Email: [angusmit@gmail.com](mailto:angusmit@gmail.com)